

# PRIORIDADES VALORATIVAS E SEXISMO AMBIVALENTE: PREDIÇÃO DO SEXISMO HOSTIL E BENÉVOLO BASEADO NOS VALORES HUMANOS <sup>1</sup>

VALUES PRIORITIES AND AMBIVALENT SEXISM:  
THE HOSTILE AND BENEVOLENT SEXISM PREDICTIONS  
BASED ON HUMAN VALUES <sup>2</sup>

*Nilton S. Formiga <sup>3</sup>*

## RESUMO

O sexismo ambivalente trata-se de um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. Esse construto se propõe a avaliar o preconceito frente às mulheres, conhecido como sexismo benévolo e hostil. Diante desse grave problema social, busca-se uma explicação da sua estabilidade nas relações sociais, assim, os valores humanos têm sido um construto de melhor resposta vem oferecer a este fenômeno social. 795 sujeitos, ambos os sexos, entre 13 e 63 anos, responderam o inventário do sexismo ambivalente e valores humanos. Observou-se que o critério de orientação valorativa pessoal correlacionou com o sexismo hostil e benévolo, o critério social com o benévolo. Valores que visam um individualismo são capazes de fomentar o preconceito sutil e tradicional, já uma orientação social pode salientar a discriminação de forma sutil.

**Palavras-chave:** Sexismo; Valores; Predição; Mulher.

## ABSTRACT

The ambivalent sexism is concerned with a group of stereotypes about the cognitive, affective and attitudinal esteem as for the appropriate position in the society pointed towards the citizens according to their sexes. This construct purpose the women prejudice esteem, knowing as the sexism hostile and benevolent. In front of this serious social problem, the research looks for an explanation of its stability in social relations, so, the human values have been a construct of the best answer that propose to this social phenomenon. 795 citizens, man and woman, between 13 and 63 years old, answered the bivalent sexism inventory and human values. It was observed that the personal in he human values standard connected systematically with the sexism hostile and benevolent, the social standard with the benign. Values, which aim at an individualism, are able to foment the subtle and traditional prejudice, otherwise a social orientation cans accentuate the discrimination in a subtle way.

**Key words:** Sexism; Values; Prediction; Woman.

<sup>1</sup> Durante a realização deste estudo, o autor contou com Bolsa de Produtividade Científica do CEULP-ULBRA (Proict), instituição a qual agradece.

<sup>2</sup> The author recieved a Scientific Productivity Schoolaship from CEULP (Proich) while developing the present study. He is thankful for that.

<sup>3</sup> Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Atualmente leciona na mesma Universidade no curso de Psicologia. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

## 1- INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como principal objetivo avaliar, a partir de uma análise de regressão, o poder de explicação que os valores humanos têm sobre as novas formas de preconceito frente às mulheres. Atualmente, o fenômeno da discriminação feminina tem tomado novas concepções sobre suas causas na sociedade. Afirmar que a diferenciação entre homens e mulheres se deve aos contextos históricos ou jurídicos de difícil mudança permite compreender o status quo desse fenômeno o qual vem sendo tratado como inalterável e incapaz de uma intervenção, estabelecendo leis e normas que julgam, cognitivamente, a maneira adequada como homem e mulher deveria se comportar frente às relações interpessoais. Assim, parece que esse fenômeno vem adquirindo uma “lógica”, a da produção de novos sentidos e significados para as categorias discriminatórias (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002; GLICK; FISKE, 1996; MARTINEZ, 1996; TOUGAS; BROWN; BEATON; JOLY, 1995) frente às mulheres.

Com isso, essa lógica do sentido discriminatório propõe uma compreensão desse problema em direção ao da construção do papel, supostamente ideal, para homens e mulheres como prática “imposta” socialmente, consecutivamente; levando a crer na debilidade e inferioridade das mulheres quando comparadas aos homens (FIÚZA, 2001) de maneira camuflada. O que se pretende diante dessa perspectiva avaliativa da discriminação é deflagrar a existência do sexismo, concebido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (EXPÓSITO; MOYA; GLICK, 1998; GLICK; FISKE, 1996).

Esse constructo, proposto por Glick e Fiske (1996) enfatiza a existência de novas formas de sexismo consideradas ambivalentes, justamente por estas não serem tão diretas quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, pois estão embasadas na inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo minoritário. Isto não se trata apenas da definição tradicional do preconceito como antipatia ou hostilidade em direção às pessoas de certos grupos sociais (ALLPORT, 1954; ver MYERS, 1999), mas, revelar que esse fenômeno em relação a mulher não é uniformemente negativo, sendo na maioria das vezes manifestado como ambivalente. Por assim ser, esse construto pode se apresentar pela forma hostil (expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres, aproximando-se de sua definição clássica) e benévola (constituído a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre o gênero, refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa, porém descreve a mulher como frágil, necessitando de atenção etc) (FORMIGA, 2004; GLICK; FISKE, 1996).

Apesar de inúmeros estudos mostrarem que a figura feminina vem sendo cercada de estereótipos (Ver D'AMORIN, 1997), permitindo um enviesamento no tratamento sócio-humano em relação a elas, a diferenciação entre homens e mulheres tangenciam as bases na crença biológica e dimensão psicológica que orientam a masculinidade e feminilidade a partir de uma identidade de gênero (SOUZA; FERREIRA, 1997; AMÂNCIO, 1994) e tipificação sexual (ATKINSON et al. 2002). Isto aponta em direção da perspectiva psicossocial, na qual o problema do preconceito não pode ter considerado sua causalidade através de uma dimen-

são determinista (psicologista ou sociologista), mas, deve-se prestar atenção à não estaticidade do processo construcionista da realidade social quanto a esse fenômeno (FORMIGA, 2004). Consciente da existência desse efeito de mão dupla ou simultaneidade na formação do fenômeno social (ver CAMINO, 1996) o surgimento do preconceito ocorre porque o sujeito é um ator social e dinâmico, podendo apresentar uma diversidade organizativa de máscaras para sua ação interpessoal, sendo direta ou não ao manifestar suas atitudes preconceituosas. Por ter o sujeito um comportamento expresso e observado, sendo assim, concreto, acredita-se que este não ocorre no vazio, mas sustenta-se nas orientações valorativas que cada pessoa prioriza.

Desta maneira, os estudos sobre valores têm avançado não somente quanto a sua estrutura e validade, mas também, quanto à interpretação que as pessoas possuem quando buscam se orientar nas escolhas e atitudes relativas à avaliação dos comportamentos e situações sociais, hierarquizado-as a partir da importância relativa que cada indivíduo dá a essas orientações (ROKEACH, 1979; SCHWARTZ; BILSKY, 1987). Além do mais, tal fato tem uma grande probabilidade de ocorrer, porque se concebe os valores humanos, como atributos universais e reconhecidos em todas as pessoas, independentemente da sua cultura de pertença, vindo a salientar uma crença duradoura, isto é, uma maneira de se comportar ou estado final de existência da mesma que podem ser preferidos, tanto no âmbito pessoal quanto social (GUSMÃO; JESUS; GOUVEIA; JÚNIOR; QUEIROGA, 2001).

Com a diversidade de modelos sobre valores (ver ROHAN, 2000), neste trabalho será abordada uma tipologia alternativa proposta a partir da consideração da relação existente entre os valores e as necessidades humanas (INGLEHART, 1991; ROKEACH, 1973; SCHWARTZ, 1992); esta é uma extensão das teorias sobre valores já existentes (GOUVEIA, 1998) concebendo-a como categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, sendo adotadas por atores sociais. Tais valores apresentam diferentes magnitudes e seus elementos constitutivos podem variar a partir do contexto social ou cultural em que a pessoa está inserida (GOUVEIA, 1998; 293). Este modelo apresenta 24 valores, distribuídos em seis funções psicossociais: existência, experimentação, realização, normativo, interacional e supra-pessoal, reunindo-se em três critérios de orientação valorativa: pessoal, social e central.

## 2- MÉTODO

### Amostra

795 sujeitos da população geral das cidades de Palmas-TO e João Pessoa-PB compuseram amostra, com idades variando entre 13 e 63 anos, sendo que 58% eram mulheres. Desses sujeitos, 48% eram casados e os restantes estavam entre solteiros e outras categorias de estado civil. Esta amostra é não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar em responder o questionário que era apresentado.

## Instrumentos

Os participantes responderam os seguintes questionários:

Inventário de Sexismo Ambivalente – ISA. Elaborado originalmente em língua inglesa (GLICK; FISKE, 1998) e adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) para o contexto brasileiro. Este instrumento é composto por 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não apreciam completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo a pessoa deveria ler cada item e indicar o quanto concorda com o conteúdo expresso; para isso, utilizava uma escala Likert de quatro pontos, com extremos: 1 = Discordo Totalmente e 4 = Concordo Totalmente.

Questionário dos Valores Básicos – QVB. Uma versão inicial foi proposta em espanhol e português, compreendendo então 66 itens, três por cada um dos valores básicos que avaliava (GOUVEIA, 1998). A que será utilizada é mais simples de ser respondida e mais curta; está formada por 24 itens-valores, com dois exemplos que ajudam a entender o seu conteúdo. Para respondê-los, o participante precisava considerá-los como um princípio-guia na sua vida e avaliar o seu grau de importância, tomando como referência uma escala de sete pontos com os seguintes extremos: 1 - Nada Importante e 7 - Muito Importante; no final também precisa indicar o valor menos e o mais importante de todos, os quais receberão as pontuações 0 e 8, respectivamente.

Caracterização Sócio-Demográfica - Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

## Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar tanto o ISA (Inventário de Sexismo Ambivalente) quanto QVB (Questionário de Valores Básicos) individualmente aos transeuntes nas cidades de Palmas – TO e João Pessoa – PB. Tanto o coordenador do projeto quanto os estudantes bolsistas e colaboradores ficaram responsáveis pela coleta dos dados; após conseguir a autorização das pessoas para aplicação desses instrumentos estes se apresentavam a elas, quando paravam, como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos delas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e que os instrumentos deveriam ser respondidos individualmente, quando alguns dos abordados estavam acompanhados de amigos ou parentes; para solucionar esse eventual problema, outro aplicador convidava-o para participar da pesquisa utilizando assim o mesmo procedimento. A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, esclarecendo que estas seriam tratadas em seu conjunto estatisticamente. Apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os aplicadores estiveram presentes durante toda a administração do instrumento para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.



### Tabulação e Análise dos Dados

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes a Análise de Regressão ( $\beta$ ) tendo adotado o método Enter.

## 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o objetivo central do trabalho - avaliar o poder preditivo dos valores humanos sobre o sexismo hostil e benévolo - efetuou-se uma análise de regressão visando conhecer a relação funcional entre as variáveis estudadas. Vale destacar que a correlação e regressão parecem ser cálculos semelhantes, porém o cálculo utilizado no presente estudo possibilita a filtragem e consistência preditiva das variáveis capaz de construir um modelo teórico mais consistente (BISQUERRA, 1989; KERLINGER, 1980). Predizer variáveis é uma perseguição científica que a ciência humana busca desde seus primórdios; afinal seguimos os passos de memoráveis condutas científicas, de Wundt a Cattell (ver SHULTZ; SHULTZ, 2004) vem buscando, além de propor teorias lógicas e parcimoniosas (POPPER, 1993) na promoção de programas de intervenção prudentes, critérios empíricos eficazes ao bem-estar humano (SANTOS, 2004). Assim considerado, neste estudo dirigiu-se para os caminhos da descrição e indicadores regressivo entre as variáveis objetivando algo mais ambicioso: apontar os motivos e as possíveis condições para existência de um fenômeno psicossocial.

Com base em um estudo pioneiro desenvolvido por Formiga, Santos, Gouveia e Jesus (2000) observando as mesmas variáveis propostas aqui, observou-se no

presente estudo que as funções psicossociais dos valores humanos básicos (ver tabela 1): normativa (ênfata a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais), interacional (focalizam o destino comum e a complacência, especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa) e Realização (experimentação de novos estímulos, sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios) apresentaram betas regressivos capazes de predizer o sexismo benévolo ( $F [6/722] = 12,57, p < 0,001$ ;  $R_{múltiplo} = 0,31, R^2_{ajustado} = 0,09$ ) diretamente; já a função supra-pessoal a fez inversamente, (tendo, respectivamente seus betas,  $\beta = 0,17$ ;  $\beta = 0,12$ ;  $\beta = 0,17$ ;  $\beta = -0,11$ ).

Em relação ao sexismo hostil ( $F [6/725] = 7,03, p < 0,001$ ;  $R_{múltiplo} = 0,23, R^2_{ajustado} = 0,05$ ), apenas as funções de Realização, Experimentação (as pessoas que apreciam estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, etc.) e Normativo predisseram diretamente esse tipo de sexismo, porém, a Suprapessoal e Interacional o fizeram negativamente, os quais tiveram, respectivamente, os seguintes betas regressivos,  $\beta = 0,16$ ;  $\beta = 0,11$ ;  $\beta = 0,10$ ;  $\beta = -0,10$  e  $\beta = -0,10$ . No que diz respeito ao Sexismo Ambivalente (somatório total dos 22 itens do inventário de sexismo) ( $F [6/717] = 10,56, p < 0,001$ ;  $R_{múltiplo} = 0,29, R^2_{ajustado} = 0,08$ ) este foi predito, positivamente, pelas funções de Realização e Normativo; e inversamente, pela função Suprapessoal com seus respectivos betas  $\beta = 0,20$ ;  $\beta = 0,16$  e  $\beta = 0,11$  (tabela 1).

**Tabela 1.** Análise de Regressão do sexismo ambivalente, tendo como predictoras as funções psicossociais dos valores humanos.

<b>Sexismo</b>	<b>Predictoras</b>	$\beta$	<b>t</b>
<b>Benévolo</b>	Normativo	0,17	4,07*
	Realização	0,17	4,49*
	Interacional	0,12	2,91*
	Supra-Pessoal	-0,11	-2,99*
	Existência	0,02	0,64
	Experimentação	0,01	0,01
<b>Hostil</b>	Realização	0,16	4,16*
	Experimentação	0,11	2,76*
	Supra-Pessoal	-0,10	-1,86*
	Interacional	-0,10	-2,05*
	Normativo	0,10	2,30*
<b>Ambivalente#</b>	Existência	0,01	0,40
	Realização	0,20	5,26*
	Normativo	0,16	3,80*
	Supra-Pessoal	-0,11	-2,84*
	Experimentação	0,06	1,70
	Existência	0,02	0,60
	Interacional	0,01	0,21

Notas: \*  $p < 0,001$ ; Método Enter. # somatório total dos 22 itens do inventário de sexismo.

Em relação ao critério de orientação valorativa, obtive-se os seguintes resultados para o sexismo benévolo ( $F [3/722] = 17,71$ ,  $p < 0,001$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,26$ ,  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,07$ ) (ver tabela 2): tanto o critério pessoal ( $\beta = 0,12$ ) quanto social ( $\beta = 0,24$ ) o predisseram diretamente; para o sexismo hostil ( $F [3/725] = 9,31$ ,  $p < 0,001$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,19$ ,  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,03$ ) apenas o critério pessoal ( $\beta = 0,20$ ) predisse positivamente essa atitude preconceituosa; já em relação ao sexismo ambivalente ( $F [3/717] = 13,45$ ,  $p < 0,001$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,23$ ,  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,05$ ), o critério pessoal ( $\beta = 0,19$ ) e social ( $\beta = 0,14$ ) apresentaram beta regressivos capazes de prever essa forma de sexismo (ver

tabela 2). Assim, tanto a partir das funções psicossociais quanto os critérios de orientação valorativa dos valores humanos foram capazes de prever as formas antiga e nova do sexismo. Com isso, tanto os valores que orientam ao individualismo (pessoal), o qual diz respeito ao sujeito que mantém relações pessoais contratuais, procurando obter vantagens / lucros, priorizando seus próprios interesses e sua intrapessoalidade, quanto os de orientação coletivista (social), isto é, as pessoas direcionadas para estarem com os outros, focalizando a interpessoalidade e o interesse coletivo (ROKEACH, 1973; SCHWARTZ, 1994), são capazes de fomentar o sexismo hostil e benévolo.

**Tabela 2.** Análise Regressão para o sexismo ambivalente, tendo como predictoras os critérios de orientação valorativa.

<b>Sexismo</b>	<b>Predictoras</b>	$\beta$	t
Benévolo	Social	0,24	6,30*
	Pessoal	0,12	3,34*
	Central	- 0,03	-0,65
Hostil	Pessoal	0,20	5,21*
	Social	0,01	0,25
	Central	- 0,02	-0,44
Ambivalente#	Pessoal	0,19	5,14*
	Social	0,14	3,61*
Central		- 0,03	-0,63

Notas: \*  $p < 0,01$ ; Método Enter. # somatório total dos 22 itens do inventário de sexismo

Considerando esses resultados, além de corroborar pesquisas anteriores considerando as mesmas variáveis, porém limitada quanto sua amostra (FORMIGA; SANTOS; GOUVEIA; JESUS, 2000; FORMIGA, 2004) e sua aplicação estatística, bem como, entre outros estudos nos quais se procuram avaliar a forma ambivalente do preconceito (FERNANDES; SOUSA; BARRETO; CAMINO, 2003; FORMIGA; YEPES; ALVES, 2004; LIMA, 2003), foi possível perceber que este fenômeno, atualmente, move-se na dinâmica social e valorativa das pessoas. Parecia não ser novidade quando foi encontrado que a orientação pessoal dos sujeitos viesse explicar o sexismo hostil, mas, ao observar que a orientação social também predisse tanto a forma tradicional do sexismo, o hostil, quanto a forma sutil ou benévolo, refletiu-se sobre a seguinte perspectiva: a estabilidade dessas formas preconceituosas estão inseridas nas relações interpessoais e não apenas na organização de que o homem mantém um certo poder para a manutenção normativa a qual é individualista. Independente dessa condição

parece ser saliente que os direitos sociais e humanos a que são destinados aos grupos minoritários – neste caso as mulheres – podem atrair essas novas maneiras para que o sexismo benévolo se estabeleça, permeando as condições de tolerância ou uma postura da “ética sutil”.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter qualquer forma de preconceito proibido por lei, a qual está na constituição garantindo direitos e deveres (MORAES, 1998; SIANO, 2000) e que ao manifestar poderá ser impetrado um crime, é bem possível que se veicule uma construção sócio-cognitiva do não-preconceito (PHILLIPS; ZILLER, 1997) surgindo a partir do estabelecimento desses direitos e exigências proibitivas dessa manifestação, camuflagens ou sutilizas para não ser flagrado discriminando (PEREZ, 1996). Hoje, a discriminação atende aos objetivos implícitos da sociedade; no que diz respeito à mudança e êxito da mulher ocorrerá, se e somente

se, as expectativas propostas pela sociedade ou grupo forem seguidas, tangenciando assim, as formas abertas desse fenômeno capaz de filtrar as suas condições mais diretas, fomentando um processo mais fino da discriminação e sua construção de normas sociais concordante entre os grupos (MARTÍNEZ; PATERNA; ROSA; ANGOSTO, 2000). Isto é, o sujeito que possui uma visão conservadora de mundo tenderá a atitudes preconceituosas mais consistente e tradicional (FORMIGA, 2004; 251), o contrário fomentará as sutilezas da discriminação. Na verdade, Moya e Expósito (2001) têm bastante razão ao discorrer sobre as novas formas de sexismo, atribuindo a este fenômeno que sua configuração atitudinais atual, não existe porque acabou, mas, por que os antigos interesses masculinos precisam continuar consistentes.

Espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos. Foram apresentadas provas sobre a predição significativa entre valores humanos e sexismo ambivalente. Observou-se que tanto os valores que apontam para uma orientação pessoal quanto social, são capazes de apresentar o preconceito frente às mulheres, pois não é somente o sujeito que visa seus próprios interesses, mas aquele que se preocupa com as tradições e normas sociais contribuem para a manutenção deste fenômeno. De fato, este problema pode derivar-se de múltiplos indicadores (por exemplo, sociais, econômicos, personalidade, etc.) não se limitando apenas aos aqui destacados. Podem, também, serem vistos a partir das prioridades valorativas de cada sexo, vindo assim, a configurar essas novas formas de sexismo, destacando com isso, que as expressões discriminatórias adquirem uma nova concepção e manifestação sutil a partir da aceitabilidade que a mulher permite em relação aos tratamentos e normas

socialmente impostas; estas na maioria das vezes justificadas como direito e único espaço social e físico que elas possam lutar e conseguir se realizarem psicossocialmente. A aparição do sexismo, tanto benévolo quanto hostil, é sem dúvida um problema no âmbito da pretendida relação de igualdade e de justiça social, bem como, de sua manifestação evidente.

Camufla-se a discriminação contra a mulher ao tratá-la como um ser especial, frágil e que necessita de cuidados, bem como, na valorização das características masculinas objetivadas e assimiladas por elas; por exemplo, quando assumem cargos de liderança, devem apresentar, no intuito de reconhecimento e respeito profissional, traços instrumentais; Neste sentido, é observada a influência dos valores sobre o sexismo, revelando a diminuição da rejeição, porém não a deixando liberta do poder e da dominação do homem (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002) senão da forma concreta, em sua configuração simbólica. Parece ser que quanto ao preconceito frente às mulheres, considerando estes resultados, livrou-se da queda na fogueira, mas caiu na caldeira, em seu fogo leve ou em banho-maria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, G. W. *The nature prejudice*. Reading, MA: Adison-Wesley Publishing Company. 1954.
- AMÂNCIO, L. *Masculino e feminino. A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento. 1994.
- ATKINSON, R. L. et al. Desenvolvimento psicológico. In: *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artemed. 13a edição. 2002. p. 91-129.



- BISQUERRA, R. *Introducción conceptual al análisis multivariable. Un enfoque informático con los paquetes SPSS-X, BMDP, LISREL y SPAD*. Barcelona: PPU – Promociones y Publicaciones Universitarias. 1989.
- CAMINO, L. Uma abordagem “psicossociológica” no estudo do comportamento político. *Psicologia & sociedade*, n. 8, v. 1, p. 16-42. 1996.
- D’AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. *Temas em Psicologia*, n. 3, p.121-134. 1997.
- EXPÓSITO, F.; MOYA, M. C.; GLICK, P. Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, n. 13, p. 159-169. 1998.
- FERNANDES, S.; SOUSA, F. A.; BARRETO, R. L.; CAMINO, L. Sistemas de valores e orientação à dominância social. *Anais do III congresso norte-nordeste de psicologia. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica*. João Pessoa: PB. 27 a 31 de maio. Volume 1, [Resumos]. 2003. p. 258.
- FIÚZA, A. L. C. Mulheres nas políticas de desenvolvimento sustentável. In: C. Bruschini e C. R. Pinto (Org.). *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo: FCC/Editora 34. 2001. p. 87-118.
- FORMIGA, N. S. As bases normativas do sexismo ambivalente: A sutileza do preconceito frente às mulheres à luz dos valores humanos básicos. In: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 2004. p. 259-276
- FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V.; SANTOS, M. N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, n. 7, v. 1, p. 105-111. 2002.
- FORMIGA, N. S.; SANTOS, M. N.; GOUVEIA, V. V.; JESUS, G. R. Prioridades valorativas e sexismo ambivalente: Considerações sobre as dimensões hostil e benévolo. *Anais do XXX reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Psicologia no Brasil: Diversidade e desafios*. Brasília - DF. 26 a 29 de Outubro. [Resumos]. 2000.
- FORMIGA, N. S.; YEPES, C.; ALVES, I. A ambivalência da discriminação: Um estudo em termos das atitudes preconceituosas frente ao negro, as mulheres e os homossexuais. *Anais da IV Jornada de Iniciação científica do CEULP-ULBRA*. Palmas – TO. 25 a 26 de Maio. [Resumos]. 2004. p.528–530.
- GLICK, P.; FISKE, S. T. The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 70, p. 491-521. 1996.
- GOUVEIA, V.V. *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Madri, Espanha. 1998. Tese (Doutorado). Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madri.
- GUSMÃO, E. E. S.; JESUS, G. R.; GOUVEIA, V. V.; JÚNIOR, J. N.; QUEIROGA, F. Interdependência social e orientações valorativas em adolescentes. *Revista Psico*, n. 32, p. 23-37. 2001.
- INGLEHART, R. *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas / Siglo XXI Editores. 1991.
- KERLINGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EPU. 1980.

- LIMA, M. E. O impacto do igualitarismo e da meritocracia individualista no preconceito automático contra os negros. *Anais do III congresso norte-nordeste de psicologia. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica*. João Pessoa: PB. 27 a 31 de Maio. Volume 1, [Resumos]. 2003. p.237.
- MARTÍNEZ, C.; PATERNA, A. I.; ROSA, J.; ANGOSTO, J. El principio de jerarquía social como explicación del prejuicio y el rechazo a la acción positiva. *Psicología política* n. 21, p. 55-71. 2000.
- MARTINEZ, M. C. M. *Análisis Psicosocial del prejuicio*. Madrid: Editora Síntesis. 1996.
- MORAES, A. *Direito constitucional*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 1998.
- MOYA, M.; EXPÓSITO, F. Nuevas formas, viejos intereses: Neosexismo en varones españoles. *Psicothema*, n. 13, v. 4, p. 643-649. 2001.
- MYERS, D. G. Preconceito: O ódio ao próximo. In: *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC. 1999. p.181-206.
- PERÉZ, J. A. Nuevas formas de racismo. In: J. F. Morales e S. Yubero (Orgs.). *Del prejuicio al racismo: Perspectivas psicosociales*. Cuenca: Universidade Castilla-La Mancha. 1996. p. 79-102.
- PHILLIPS, S. T.; ZILLER, R. C. Toward a theory and measure of the nature of non-prejudice. *Journal of personality and social psychology*, n. 72, v. 2, p. 420-434. 1997.
- POPPER, K. *Lógica da Pesquisa Científica*. 9ª edição. São Paulo: Cultrix. 1993.
- ROHAN, M. J. A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, n. 3, p. 255-277. 2000.
- ROKEACH, M. Introduction. In: M. Rokeach (Ed.). *Understanding human values: Individual and societal*. New York: The Free Press. 1979. p. 1-11.
- ROKEACH, M. *The nature of human values*. New York: The Free Press. 1973.
- SANTOS, B. S. *Conhecimento prudente para uma vida decente. Um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez. 2004.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix. 8ª edição. Revista e ampliada. 2004.
- SCHWARTZ, S. H. Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, n. 50, p. 19-45. 1994.
- SCHWARTZ, S. H. Universals in the context and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*. Orlando, FL: Academic Press. 1992. vol. 25, p. 1-65.
- SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. Toward an universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 53, p. 550-562. 1987.
- SIANO, J. A. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel. 2000.
- SOUZA, M. A.; FERREIRA, M. A. C. Identidade de gênero masculina em civis e militares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 10, p. 301-314. 1997.
- TOUGAS, F.; BROWN, R.; BEATON, A. N.; JOLY, S. Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil. *Personality and social psychology behavior*, n. 21, v. 8, p. 842-849. 1995.